

Que País é Este?

Não foram suficientes para mudar a cabeça dos brasileiros 12 anos da crise que levou à maior depauperação da renda nacional em todos os tempos, como se pode medir por dois indicadores: retração real de 50% no PIB *per capita*, considerando a inflação dos Estados Unidos; e a queda de 60% para 28% da participação dos salários na renda.

Apesar da justa indignação do contribuinte com a roubalheira perpetrada contra os orçamentos públicos, nossos políticos fingem não ter responsabilidade em relação aos velhos costumes na gestão da coisa pública. A reação ao plano de sacrifícios compartilhados proposto pelo ministro Fernando Henrique Cardoso é a típica manifestação de uma parte do Brasil que recusa a modernização e o sentido da responsabilidade ética e moral em relação ao Orçamento, como peça política de prévia prestação de contas do que os governos pretendem fazer com o dinheiro arrecadado à sociedade.

Compreende-se a reação dos empresários ao aumento geral de 5% nos impostos: nenhum contribuinte gosta de atender aos governos para pagar mais; antes preferiria que os governos moderassem seus gastos (e os políticos exercessem vigilância sobre eles) para evitar o desgaste. O presidente Itamar Franco vem cuidando com zelo dos recursos federais e acaba de dar um exemplo de respeito ao contribuinte, com a proposta de explicitação dos impostos que ele paga em todos os produtos. A declaração por 11 a 0 da constitucionalidade do Cofins pelo Supremo

Tribunal Federal também pode mudar o estado de espírito do contribuinte.

Mas que autoridade moral têm os congressistas e governadores para criticar a criação da reserva de contingência, com a finalidade de cobrir déficits passados e enfrentar despesas no campo social, cuja área de competência entre a União, os estados e os municípios — alterada pela Constituição de 1988 — ainda não foi definida pelo Congresso? Será que querem os 15% para continuar fazendo o que normalmente se faz com o dinheiro público no Brasil: obras superfaturadas e de utilidade duvidosa, que formam *caixinhas* e palanques para campanhas eleitorais?

O Brasil não agüenta mais viver sob a incerteza de uma inflação de 36% ao mês. Pelos reflexos na desestabilização econômica, na recessão, no achatamento da renda e no desemprego, a inflação brasileira é o principal fator de desagregação moral da nossa sociedade. Os desvios que se passam dentro do Congresso, na administração pública e no meio empresarial são basicamente seqüelas da inflação.

A correção moral de tudo isto está ao alcance do próprio Congresso. Se o Brasil se unir contra o inimigo comum, a inflação, poderá em breve abrir mão da correção monetária, que só fez criar mais ilusões e distorções no convívio da sociedade com a inflação. Que país é este que adora criticar a inflação e a corrupção, mas se recusa a tomar medidas para eliminar de vez esses dois focos de problemas?